

Web Revista Linguagem,
Educação e Memória

ISSN 2237-8332

As trabalhadoras domésticas e a exposição das desigualdades sociais no Brasil pelos quadrinhos

**Trabajadoras del hogar y la exposición de las desigualdades sociales en Brasil en
las historietas**

Samanta Coan¹

Resumo: O artigo apresenta diferentes personagens e autores/as que ao longo dos últimos anos se atentaram à complexidade das representações das trabalhadoras domésticas nos quadrinhos brasileiros com diferentes abordagens e construções discursivas conforme a demanda e autoria. O texto apresenta um panorama do perfil atual da categoria do trabalho doméstico remunerado e como dentro da literatura - história em quadrinhos - essa personagem foi abordada pelos autores. Após a revisão de referências, parte-se para a pesquisa de campo com entrevistas estruturadas com autores do quadrinho Os Santos, roteirizado por Leandro de Assis e Triscila Oliveira. Conclui-se que a produção discursiva e representativa desenvolvida pelos autores parte da escuta e demanda; e do lugar de fala para criar personagens e histórias que saem dos estereótipos do imaginário social brasileiro sobre o serviço doméstico remunerado.

Palavras-chave: trabalhadora doméstica; quadrinho; estereótipo; desigualdade social; Os Santos.

Resumen: El artículo presenta a diferentes personajes y autores que, en los últimos años, han mirado la complejidad de las representaciones de las trabajadoras del hogar en el cómic brasileño con diferentes enfoques y construcciones discursivas según la demanda y la autoría. El texto presenta cómo, dentro de la literatura - cómics - este personaje fue abordado por los autores. Tras revisar las referencias, se procede a la investigación de campo con entrevistas estructuradas a los autores del cómic Os Santos, con guión de Leandro de Assis y Triscila Oliveira. Se concluye que la producción discursiva y representativa que desarrollan los autores parte de la escucha y la demanda; y el lugar del discurso para crear personajes e historias que surgen de los estereotipos del imaginario social brasileño sobre el servicio doméstico remunerado.

Palabras claves: trabajadora del hogar; historietas; estereotipo; desigualdad social; Os Santos.

¹ Mestra em Design pela Universidade do Estado de Minas Gerais – Brasil. Doutoranda em Ciências da Informação - Universidade Federal de Minas Gerais – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5268-6970>. E-mail: samantacoan@gmail.com.

1 Introdução

"Histórias importam. Muitas histórias importam" é como Chimamanda Ngozi Adichie (p.5, 2009) reafirma não só a importância de contar histórias, mas ouvir diferentes perspectivas de dela que vão nos levar para além dos estereótipos. Esse artigo busca analisar como a arte de fazer quadrinhos pode complexificar para além do imaginário social simplista sobre as trabalhadoras domésticas no Brasil. As relações de trabalho doméstico remunerado dentro das casas e dos apartamentos foram observadas nas produções do século XX e são fruto do seu tempo pautado nos problemas estruturais (racismo, machismo, paternalismo e entre outros) do Brasil, tal como nas tiras *Waldirene A AM* e *Maria Fumaça* (CHINEN, 2013; BROERING, 2019; e NETO, 2015). Seria no século XXI, que essas desigualdades sociais entre empregador e empregada seriam redesenhadas e recontadas. As tiras de *Os Santos - Uma história de ódio*, de Triscila Oliveira e Leandro Assis, promoveram uma ruptura das imagens criadas sobre o que é ser trabalhadora domésticas no Brasil. Esse artigo entrevistou os autores, a fim de não só avaliar para além do resultado, mas também seu processo de criação.

2 Memória e consciência: o pensar e fazer quadrinhos sobre trabalhadoras domésticas

O psicanalista, filósofo e martinicano Franz Fanon (2008) descreve os estereótipos que foram fixados em sua época e que promoveram a violência simbólica na representação das pessoas negras nos discursos reproduzidos nas linguagens artísticas para evidenciar a alienação. Essa alienação tem raiz no processo de colonização europeia que formatou o pensamento moderno e hierarquizou as sociedades colonizadas. A invenção do "negro", "raça" e "indígena" (FANON, 2008) foram noções que auxiliaram nesse processo. A consciência que Fanon (2008) se propõe fazer é identificar essa *alienação intelectual* para, assim, descolonizar, ou seja, desalienar-se das construções fixas da identidade² projetadas e impostas pelo Outro (o branco, colonizador) aos 'não-brancos'.

[...] a verdadeira desalienação do negro implica uma súbita tomada de consciência das realidades econômicas e sociais. Só há complexo de inferioridade após um

² “As identidades culturais provêm de alguma parte, têm histórias. Mas como tudo o que é histórico, sofre transformação constante. Longe de um passado essencializado, estão sujeitas ao contínuo jogo da história, da cultura e do poder” (HALL, 2000)

duplo processo: inicialmente econômico; em seguida pela interiorização, ou melhor, pela epidermização dessa inferioridade. (FANON, p.28, 2008).

Ecléa Bosi (p.119, 2004) também percebe que essa mudança de atitude "exige uma reorientação intelectual, um rompimento com vínculos sociais. É uma reestruturação da experiência passada". Na mesma linha de pensar o processo histórico e seus sintomas, Lélia Gonzalez (1983) já denunciava as três noções simplificadas sobre as mulheres negras no imaginário da sociedade brasileira, o que as empurra como possibilidades de ser. Eram a doméstica, a mãe preta e a mulata. Ao analisar essa percepção por meio da psicanálise, a autora discute o jogo entre memória e consciência demonstrando como cada uma opera de maneira diferente no discurso ideológico.

A consciência exclui o que a memória inclui. Daí, na medida em que o lugar da rejeição, a consciência se expressa como um discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa dada cultura, ocultando memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como verdade. Mas a memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura: por isso, ela fala por meio das mancadas do discurso da consciência. (GONZALEZ, 1983, p.226).

Enquanto no discurso da *consciência* opera o racismo, a infantilização e negatização da personalidade dos negros, a imagem de solidão e o embranquecimento, existe a *memória* que rompe com essas construções estereotipadas. Sua operação está numa vertente que projeta para a sobrevivência, luta e resistência de povos originários e afrodiaspóricos desde o processo de colonização no Brasil. É onde se encontra a história que o poder hegemônico não deseja contar. "O estereótipo nos é transmitido com tal força e autoridade que pode parecer um fato biológico" (BOSI, p.117, 2004). Tomar consciência dessa construção no imaginário social, buscando o acesso às memórias múltiplas, nos induz a um exercício necessário sobre a criação de personagens nos quadrinhos, que nesse texto têm foco nas trabalhadoras domésticas.

3 Pesquisas sobre trabalhadoras domésticas nos quadrinhos brasileiros

Como podemos encontrar o caminho das coisas se já nos disseram tudo antes que as experimentássemos? Como salvar dos preconceitos penetrantes que governam nosso processo de percepção? Onde começam as nossas ideias sobre as coisas? Por que as aceitamos? Como chegaram a nós? - Ecléa Bosi

As perguntas de Bosi (2004), na epígrafe, são essenciais para questionar as imagens que chegam a nós, leitores de quadrinhos. O que as pesquisas no Brasil já falam sobre as representações de trabalhadoras domésticas e a relação trabalhista com os patrões nessa linguagem? Destaca-se as pesquisas Chinen (2013), Broering (2019; 2017) e Neto (2015) que apresentam duas produções feitas no século XX.

A dissertação de mestrado de Virginia Broering (2019) estuda a representação da trabalhadora doméstica Waldirene, da série de tirinhas cômicas do catarinense Sérgio Bonson (1949-2005) chamada *Waldirene A AM³ (1986-1989)*. Essa pesquisa compreende a importância dos marcadores sociais também de quem conta a história, a fim de apresentar as dinâmicas impostas nas relações do trabalho doméstico remunerado em sua criação e sobre a sociedade que também representava e imaginava a trabalhadora. A análise se concentra nos cenários, nos diálogos entre os personagens que demonstram as relações de opressão no trabalho e nos locais onde Waldirene está desenhada na história - em grande parte na cozinha. Broering (2019) descreve as ambiguidades apresentadas na criação do humor:

“Todavia ao longo da análise, fui percebendo que não havia uma única conclusão que definisse o humor presente nas tirinhas, mas que este era composto por ambiguidades, por um artista que se colocava, ainda que inconscientemente, dentre uma elite perversa e uma empregada doméstica explorada, mas que falava desde uma classe média e para uma mesma, mostrando que sua posição política e sua experiência social encontravam-se contempladas nesta ambivalência. Ao mesmo tempo que o lugar de Waldirene nas tirinhas era restrito e prescrito por preconceitos, o humor, em alguns momentos invertia a lógica da subordinação que era esperada da empregada. A audácia de Waldirene é utilizada, inclusive, como um efeito cômico, pois inverte e surpreende a imagem construída sobre as escravas e posteriormente, as mulheres pobres, desprovidas de inteligência e habilidades, que incapazes de tomar as rédeas das próprias vidas, resta-lhes tomar conta da vida dos outros (BROERING, p.81, 2019).

Essa infantilização não recaiu apenas na personagem Waldirene, uma mulher branca de baixa renda e escolaridade, ela é percebida também no discurso e no tratamento feito nas tiras *Maria Fumaça*, criada por Luís Sá, no início da década de 1950. Na breve análise sobre a representação de Maria, Nobuyoshi Chinen (2013) descreve essa construção: "era uma menina negra, empregada doméstica cujos traços também eram extremamente estereotipados. O humor da série calcava muito na ingenuidade e na ignorância de Maria" (CHINEN, p.127, 2013). A ideia das classes média e alta branca, representadas pelos patrões

³ Publicadas no jornal O Estado de Santa Catarina.

nas tiras, projeta um subjugo da capacidade reflexiva da protagonista sobre a realidade que está inserida. Neto (2015) aprofunda a análise sobre a representação de mulheres negras nos quadrinhos brasileiros e dentre as personagens estudadas está Maria Fumaça.

A estrutura das histórias protagonizadas por ela, bem como o sucesso entre o público leitor, evidencia que a crença no determinismo racial tinha muitos simpatizantes no país, e que as mulheres negras - mesmo as mais jovens como Maria Fumaça - deveriam aceitar passivamente seu destino sem questionamentos, mesmo porque não possuíam capacidade intelectual para fazê-los. (NETO, p.75, 2015)

Os estereótipos também recaem no corpo dessas trabalhadoras, enquanto Waldirene (Figura 1) tem apelo à sensualidade apoiado pelo conteúdo obsceno (BROERING, 2017), Maria possui traços desumanizados (Figura 2).

Figura 1: Tira *Waldirene A AM* (1986)



Fonte: Site Caros Ouvintes - Instituto de Estudo de Mídia (2020, s/p)⁴

⁴ <https://www.carosouvintes.org.br/>

Figura 2: Tira *Maria Fumaça*



Fonte: Chinen (p.127, 2013).

O imaginário desenhado e escrito reflete não apenas a época, mas como os próprios autores, de modo consciente ou não, projetavam o discurso hegemônico sobre essa classe trabalhadora. Essa mesma questão é problematizada por Gonzalez (1983): quando é conveniente, há duas opções de discurso, sendo o que tende a infantilizar e o que torna os corpos negros perigosos. São demarcadas por um humor que expõe o classismo, machismo e racismo da sociedade nos corpos e falas dos patrões brancos. Barcellos (2000) pesquisa o olhar da produção masculina sobre os corpos femininos que "além de observar a linguagem e suas diferenças de gênero, a diversidade de olhares presentes na representação das histórias em quadrinhos também evidencia diferentes aspectos da ideologia patriarcal que constrói o feminino de acordo com suas necessidades" (BARCELLOS, 2000, s/p). Dessa forma, tornaram-se tiras que refletem um tempo no qual operou-se a invisibilidade e pouca familiaridade (VELHO, 1987) sobre as lutas e resistências dessa classe trabalhadora composta, em sua maioria, por mulheres negras, de baixa renda e escolaridade (IPEA, 2019).

4 Novas produções e novas imaginações sobre a trabalhadora doméstica nas HQs

Chimamanda Adichie (2009) relata o problema da história única que tende a criar noções de verdade com risco de gerar e perpetuar estereótipos de grupos sociais. "Histórias têm sido usadas para expropriar e ressaltar o mal. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida" (ADICHIE, p.5, 2009). Compreender que essa representação pode ser um instrumento de violência simbólica nos quadrinhos ao reafirmar um imaginário social dotado de problemas, tais como racismo, xenofobia, machismo, LGBTQI+fobia, classismo, entre outros, é perceber que essa arte possui também um jogo de disputas inconscientes ou conscientes do artista.

Após 40 anos da tira Waldirene passaríamos a encontrar distintas representações das trabalhadoras domésticas nos quadrinhos, agora não mais no humor gráfico. Apresentam-se nas tiras de *Os Santos*, de Leandro Assis (roteiro e desenho) e Triscila Oliveira (roteiro), onde o recurso da história oral de vida e das vivências pessoais tem sua preponderância no processo criativo. Foram feitas entrevistas estruturadas para conhecer o processo de criação e, conseqüentemente, o resultado da representação das mulheres trabalhadoras produzida nas HQ's e as relações existentes do trabalho doméstico remunerado.

4.1 *Imagens de privilégios e resistências: a tira Os Santos - uma tira de ódio*

A tira semanal *Os Santos* retrata duas famílias que são conectadas pela relação do serviço doméstico remunerado. Temos a representação de uma família rica, branca e moradora da zona sul do Rio de Janeiro; e outra de baixa renda, negra e da periferia da cidade. O cotidiano de cada núcleo familiar é explorado ao longo dos quadrinhos, assim como retrata a relação conflituosa entre trabalhadora doméstica e patrões e filhos dos empregadores.

O roteiro é produzido tanto pelo roteirista de TV e cinema, Leandro Assis, quanto pela Analista de Redes Sociais e ciberativista, Triscila Oliveira. O projeto inicialmente tinha apenas a assinatura de Assis.

Eu comecei a tira *Os Santos* focado na família branca, da zona sul do Rio. A ideia era acompanhar sua rotina. Trabalho, lazer, amizades. Mas nas primeiras tiras explorei a interação deles com a empregada doméstica e gostei, achei que bastava

essa dinâmica para falar do que eu queria. Então fui aumentando a participação da empregada. Criei a família dela, que trabalha para a família dos brancos. E vi que mais cedo ou mais tarde teria que sair do apartamento dos brancos para conhecer melhor a vida da família das domésticas. (ASSIS, 2020^a, s/p)⁵

Com o objetivo de fazer essa família das trabalhadoras domésticas, Leandro buscou outra roteirista para tal tarefa. A partir da tira 10, Triscila Oliveira assume também a escrita da HQ, após uma longa troca de mensagens nas redes sociais com o roteirista da série. "Gostei do papo, vi que ela tinha um perfil no Instagram de ativismo, em que falava da questão do negro, de feminismo. Por isso achei que ela seria perfeita para o trabalho." (ASSIS, 2020a). A autora analisa que esse convite do ilustrador para fazer o roteiro de *Os Santos* simbolizava como alguém aberto a escutar. "É o que a gente tanto pede às pessoas. Escuta. Que nossas vozes sejam ouvidas. Então eu contei minha história, a história da minha família e muitas das experiências de *Os Santos* são minhas e das minhas parentes" (OLIVEIRA, 2020, s/p)⁶. Ambos me contam que os diálogos tem como base o lugar de fala: Assis de origem classe média e branca; e Oliveira T. é de família negra, classe baixa e ex-diarista. Entende-se que o lugar de fala, segundo Ribeiro (2019, p. 64) "não se restringe ao ato de emitir palavra, mas de poder existir". Quando Triscila passa a fazer parte, as experiências de vida tanto das mulheres da família, quanto as dela, passam a coexistir na história oferecendo ao leitor uma perspectiva do que é ser trabalhadora doméstica no Brasil a partir de suas vivências.

A parceria formatou um processo criativo importante para falar de si e pensar na construção de imagens e personagens nas tiras. "A pesquisa é feita pelos dois. Na verdade, a série é muito escrita em cima das vivências dos dois. Claro que ela tem mais propriedade para falar da realidade das empregadas, e eu dos patrões. De um modo geral, o que mais fazemos de pesquisa é de imagem. Cenários, por exemplo" (ASSIS, 2020a, s/p). A série a princípio era voltada para "o público branco, classe média, média alta. Ou seja, era uma série feita de branco privilegiado para branco privilegiado. O objetivo [era] falar da branquitude" (ASSIS, 2020a, s/p). Branquitude, conforme explica a pesquisadora Priscila Elisabete da Silva ao estudar o conceito no Brasil:

[...] é um construto ideológico, no qual o branco se vê e classifica os não brancos a partir de seu ponto de vista. Ela implica vantagens materiais e simbólicas aos brancos em detrimento dos não brancos. Tais vantagens são frutos de uma desigual distribuição de poder (político, econômico e social) e de bens materiais e simbólicos. Ela apresenta-se como norma, ao mesmo tempo em que como

⁵ Entrevista não publicada.

⁶ Entrevista não publicada.

identidade neutra, tendo a prerrogativa de fazer-se presente na consciência de seu portador, quando é conveniente, isto é, quando o que está em jogo é a perda de vantagens e privilégios. (SILVA, p.25, 2017).

A tira foi para além do grupo mirado por Leandro (2020a) e repercutiu para diferentes públicos que se interessaram pela crítica às elites brasileiras e também pela identificação com as famílias das trabalhadoras. A repercussão midiática no Brasil, em 2020, evidencia o impacto que o quadrinho provocou nos leitores brasileiros.

Triscila (2020) identifica que essa produção artística é uma expressão de denúncia e crítica às opressões vividas no trabalho doméstico remunerado. Gerar uma sensação de "soco no estômago" no leitor por meio da linguagem dos quadrinhos é necessário.

Triscila: [...] desenhando literalmente a opressão tá fazendo muita gente finalmente compreender o que se grita há décadas, talvez pelo desenhista ser um homem branco... e ainda assim há quem tenha dificuldades, não apenas de admitir mais também de enxergar os próprios preconceitos. Essa é a importância do que a gente faz, literalmente foi necessário desenhar para que muita gente comece a compreender o que sempre teve na cara de todo mundo.

Leandro: [...] Assim vemos os brancos vivendo com todo os seus privilégios, enquanto a família preta, que convive diariamente com a família branca, vive sem os mesmos privilégios. E essa diferença mostrada de forma curta e grossa causa um choque. O tal soco no estômago. Esse é o objetivo. Constranger o branco.

Percebemos que o 'humor' das tiras parte dos personagens brancos, da sua contradição de *ser* apresentada nas falas e ações da família branca que, na verdade, é a reprodução do 'ódio' em seu discurso diário. Não à toa que no subtítulo se risca a palavra humor e coloca o ódio em vermelho. Antes de se chamar *Os Santos - Uma tira de ódio*, o nome inicial da produção era *Os bolsominions - Uma tira de ódio*. A mudança do nome se deu pela constante reclamação de eleitores de Jair Messias Bolsonaro que o autor não podia generalizar os comportamentos. "Enfim. Para não permitir que os Bolsominions entrassem no perfil para reclamar e desviar o foco das tiras para essa questão, decidi mudar o título." (ASSIS, 2020b, s/p). Na verdade, os brancos não querem ser reconhecidos enquanto possuidores de identidade racial, dessa forma, protegem-se ao dizer não é sobre eles, é um outro grupo. "Não pensar sobre, não refletir sobre si e o outro diferente é a regra. A desigualdade é naturalizada, internalizada no cotidiano como o normal" (MIRANDA, p.65, 2017). O constrangimento das pessoas brancas é alcançado com esse retorno do público.

Figura 3: letreiro do título dos quadrinhos



Fonte: acervo Leandro Assis (2020, s/p)⁷

A crítica política a esses personagens possui seu tempo e classe social demarcados, por vezes, se relacionando com fotografias ou notícias de eventos reais do país e reproduzidas pelo traço de Leandro. A exemplo da foto da família branca com camiseta do Brasil, caminhando para as manifestações em um domingo de 2016, que levava seus bebês no carrinho empurrado pela babá folguista vestida de uniforme branco. Fala-se muito sobre a identidade branca brasileira porque é a partir dela que se mantém a permanência das desigualdades sociais vindas desde o processo da colonização no Brasil (BENTO, 2002).

Apresenta-se três quadrinhos da produção, a fim de observar como os autores representam as trabalhadoras domésticas.

4.2 Da continuidade do projeto colonial ao afeto entre desiguais

A tira número 24, chamada Escravidão, destrincha a continuidade do projeto colonial com a subalternização de pessoas negras no Brasil. Faz o paralelo com os tipos de empregos que elas são levadas a desempenhar, principalmente o serviço braçal. Gonzales (1982) denuncia, no texto "E a trabalhadora negra, comé que fica?", a realidade dos trabalhadores negros e negras, após 13 de maio de 1888, Dia da Abolição da Escravatura no Brasil, quando começou outro processo de marginalização: empregos de baixa remuneração e condições de trabalho ruins, poucas oportunidades de ascensão social, econômica e profissional. A

⁷ <https://twitter.com/hashtag/tirinhaosantos>

principal ocupação de mulheres negras, de baixa escolaridade e renda está o trabalho doméstico e na informalidade (IPEA, 2019).

Figura 4: N. 24 - Escravidão (2020)



Fonte: acervo Leandro Assis (2020, s/p)⁸

A tira explora cenas da apresentação "A escravidão realmente acabou?" de uma aluna negra que vai pontuar como se manteve a exploração de corpos negros conforme o processo histórico das profissões. Ao longo dos *slides* da estudante, apresentam-se imagens que corroboram com a explanação. Existem novos discursos e práticas do poder hegemônico, como visto na fala do adolescente no quadro 4: "vai defender bandido? se tá com pena, leva para casa". Um comentário que evidencia a replicação de um discurso sem compreender a dinâmica das explorações e opressões no Brasil. Destaca-se no quadro 8, onde mostra o *slide* que apresenta a ama de leite e a trabalhadora doméstica como continuidade. O uso do

⁸ <https://twitter.com/hashtag/tirinhaossantos>

subtítulo do livro de Preta Rara (2019) "a senzala moderna é o quartinho de empregada" que observa os novos modelos arquitetônicos de opressão. A identificação do colega que desacreditava da afirmação da apresentação no quadro 4, apenas percebeu que há continuidade a partir da experiência de vida com a mãe: ela também era empregada doméstica. A desalienação que Fanon (2008) aborda, de tomar consciência da identidade fixada nas pessoas negras e a assimilação de discursos hegemônicos, pode ser vista com a fala final desse estudante negro: "Abriu meu olho".

É no cotidiano das trabalhadoras representadas nas tiras que evidencia as resistências e lutas dessas mulheres. São sobreviventes de diferentes violências no trabalho tais como visto nas tiras sobre os assédios sexuais e morais. No quadrinho Lacoste, da Figura 5, vemos a desigualdade social a partir dos valores das coisas. Um livro de 150 reais e uma camiseta de marca por 500 reais, e o que elas representam para cada personagem. O primeiro item simboliza uma possibilidade de quebra do ciclo geracional de trabalhadoras domésticas, como é visto no último quadro com o desejo da mãe para o futuro da filha depois do tratamento recebido pelos patrões: "Mas promete que vai estudar, entrar na faculdade e nunca vai pisar em casa de família". O segundo item é a base de assédio moral do patrão, sua distinção social é exaltada, ao chamá-la de "anta" por não saber o que era arte nas camisetas das crianças. No penúltimo quadro, os roteiristas nos apresentam as falas dos filhos dos patrões: um que aprende a ofender e rir do assédio moral, enquanto o segundo defende Edinéia ao dizer "não fala mal da Néia". Brites (2001), ao pesquisar as casas de família e as relações com as trabalhadoras domésticas, as crianças dos patrões já percebem que são socialmente diferentes das empregadas, ainda que possam estabelecer uma ambiguidade afetiva. Essa ambiguidade "é um instrumento fundamental de uma didática da distância social" (BRITES, 2007, p.91), de ser vista como um processo de dominação entre empregador empregada. Isso é evidente, principalmente, nas relações entre domésticas e filhos dos patrões, ainda que as crianças aprendam a naturalizar a desigualdade reproduzindo a distância social na vida adulta (BRITES, 2007).

Figura 6: N. 3 - Manteiga



Fonte: acervo Leandro Assis (2020, s/p)¹⁰

Essa exposição sobre a hierarquia e distanciamento social em *Os Santos* é exposta nos cenários (Figura 6): a favela e o bairro; dentro do prédio, com o uso do elevador de serviços; e nos apartamentos e casas com a cozinha e o quarto de doméstica. A *estética da dominação* (GOLDSTEIN, 2003) é perpetuada não só na geografia da cidade, mas também pelos empregadores brancos, ao estipular o lugar que cada um pode ocupar na estrutura predial e do âmbito doméstico familiar. Está inserida na dinâmica da hierarquia social por meio do jogo de signos de distinção de classe, raça e gênero (Fig. 7).

¹⁰ <https://twitter.com/hashtag/tirinhaossantos>

Figura 7: "O seu direito começa quando meu tapete acaba", Jornal do Brasil, 4 de dezembro de 1988



Fonte: livro *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: Cor e raça na sociabilidade brasileira* (SCHWARCZ, 2013, p.67)

Triscila e Leandro buscam retratar as realidades de cada núcleo familiar nos quadrinhos com suas complexidades e abarcar questões da desigualdade entre classe social, raça, gênero, sexualidade, tempo e geração. "Não existe referência maior para qualquer artista do que a própria realidade, a denúncia desta e como ele gostaria que ela fosse" (OLIVEIRA T., 2020, s/p). Isso nos remete no texto da autora chicana Gloria Anzaldúa que fala da escrita como modo de existir e resistir às noções fixas sobre os grupos que foram subalternizados no processo histórico. Como bem descreve:

O perigo ao escrever é não fundir nossa experiência pessoal e visão do mundo com a realidade, com nossa vida interior, nossa história, nossa economia e nossa visão. O que nos valida como seres humanos, nos valida como escritoras. O que importa são as relações significativas, seja com nós mesmas ou com os outros. Devemos usar o que achamos importante para chegarmos à escrita. Nenhum assunto é muito trivial. O perigo é ser muito universal e humanitária e invocar o eterno ao custo de sacrificar o particular, o feminino e o momento histórico específico. (ANZALDÚA, 2000, p.233).

Utilizar a realidade vivida para os quadrinhos possibilita outras perspectivas sobre o tema, a partir da valorização intelectual de uma roteirista negra, feminista e ativista. Não há

um monopólio da voz masculina, branca e de classe média e alta ao contar essas histórias. Leandro poderia ter optado de seguir sozinho, mas optou pela cocriação das narrativas. A questão aqui não é exaltar a figura do escritor, mas perceber que conforme o local de ação, existem novas agências de sujeitos para pensar e fazer quadrinhos. Ambos fornecem novas representações das trabalhadoras domésticas que não as colocam apenas nos locais da cozinha, no quartinho de empregada e no lavabo - local que já estão direcionadas no dia a dia das tiras. Eles vão além: as colocam em seus territórios, com as relações familiares, a escola de samba e outros repertórios visuais que nos informam sobre quem são essas mulheres para além do serviço doméstico remunerado.

5 Memória e esquecimento

Esse texto não pretende dar conta da complexidade de informações visuais e de discursos que Leandro e Triscila estão produzindo, a exemplo de sexualidade, relações inter-racial afetivas, as relações com território das próprias trabalhadoras doméstica. Busquei fazer um exercício inicial sobre como subverteram os estereótipos das trabalhadoras domésticas nos quadrinhos e como expõem as relações de trabalho que as mulheres negras, de baixa renda e escolaridade, colocadas nas casas e apartamentos. Ao racializar a produção, expondo a branquitude e suas contradições nos discursos sobre si e sobre o outro, provocam e convidam as pessoas brancas a pensar nas estruturas de poder que está apoiando.

A tira *Os Santos* foi pausada no número 24, no dia 11 de março de 2020, uma vez que ambos passaram a produzir o quadrinho *A Confinada*, com o objetivo de usar como pano de fundo o Coronavírus no Brasil. A proposta é certa ao questionar a ideia de "serviço essencial" do trabalho doméstico remunerado e abordar a relação conflituosa entre uma *influencer* empregadora e a empregada doméstica ao longo da quarentena.

Para além de *Os Santos* e *A Confinada* de Leandro Assis e Triscila Oliveira, temos outras produções como a cartilha em linguagem dos quadrinhos *Duras Diárias – A luta pela regulamentação do trabalho doméstico no Brasil* (2015), com roteiro de Roney Rodrigues e desenho de Vitor Teixeira. Essa HQ foi produzida a partir da história oral das sindicalistas Valdenice de Jesus Almeida e Regina Teodoro, para informar sobre os novos direitos conquistados com a conhecida *PEC das Domésticas*, em 2013 (BRASIL, 2013). Algumas das tiras de *Leve Mente Insana* de Bennê Oliveira também abordam as histórias orais de vida de sua mãe e das

mulheres da família que foram ou são trabalhadoras domésticas, denunciando os jargões dos empregadores: "ela também é da família".

Ler essas produções desses artistas é impulsionar no leitor o esquecimento das identidades fixas que projetam no imaginário social brasileiro sobre as trabalhadoras domésticas. "Na medida em que somente a dor é focalizada, as pessoas que viveram toda uma experiência de sobrevivência e resistência acabam sendo reduzidas a simples vítimas, não sendo levado em conta o fato de que também são sobreviventes e resistentes" (GROSSMAN, 2000, p.19). Volta-se à Lélia Gonzalez (1984) sobre o quanto a memória pode acessar outras histórias contra-hegemônicas e, em *Os Santos*, possibilitam uma nova releitura da realidade brasileira por meio dos quadrinhos.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda. *O perigo de uma única história*. Tradução de Erika Barbosa. Disponível: http://www.ted.com/tals/lang/ptbr/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html.s/d
Tradução disponível: <http://www.google.pt/url> (2009). Acessado em 21/10/2020.
- ASSIS, Leandro. (2020a). Assis: entrevista [jul. 2020]. Entrevistadora: Samanta Coan. Belo Horizonte, 2020. 1 arquivo .doc. Entrevista não publicada.
- ASSIS, Leandro. (2020b) Entrevista com Leandro Assis, de *Os Santos*. *Revista Comunidade Plural*. Entrevistador: Cláudio Gabriel. Disponível: <https://blogs.plural.jor.br/nona-arte/entrevista-com-leandro-assis-de-os-santos/>. Acessado em 11/10/2020.
- BARCELLOS, Jabice Primo. 2000. *O feminino nas histórias em quadrinhos*. Parte 1: A mulher pelos olhos dos homens. Observatório de Histórias em Quadrinhos. Núcleo de Pesquisas de Histórias em Quadrinhos, Escola de Comunicações e Artes da USP. Disponível: http://www.eca.usp.br/nucleos/nphqeca/agaque/ano2/numero4/artigosn4_1v2.htm. Acessado em 09/10/2020.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. *Branqueamento e branquitude no Brasil*. Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes, p. 5-58, 2002.
- BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BRASIL. Constituição (1988). Emenda constitucional n.º 72, de 2 de abril de 2013. Altera a redação do parágrafo único do art. 7º da Constituição Federal para estabelecer a igualdade de direitos trabalhistas entre os trabalhadores domésticos e os demais trabalhadores urbanos e rurais. Disponível: <<http://www2.planalto.gov.br>>. Acessado em 20/10/2020.
- BRITES, Jurema. *Afeto, Desigualdade e Rebelião: bastidores do serviço doméstico*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS, Porto Alegre, 2001.

- BRITES, Jurema. Afeto e desigualdade: gênero, geração e classe entre empregadas domésticas e seus empregadores. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 29, p. 91-109, Dec. 2007. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000200005&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 5/10/2020.
- BROERING, Virgínia. Isso sim é sacanagem: obscenidade nas histórias em quadrinhos de Sérgio Bonson. In: *V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades*, 2017, Salvador. Anais ENLAÇANDO. Campina Grande - PB: Realize Eventos & Editora, 2017. v.1.
- BROERING, Virgínia. *Do quartinho aos quadrinhos: Empregada doméstica, humor e estereótipo nas tirinhas Waldirene A AM (1986-1989)*. Dissertação de Mestrado Estudos Latino-Americanos – Análise Cultural. Universidade de Leiden, 2019.
- CARTILHA: DURAS DIÁRIAS, 2015. Disponível: <<https://issuu.com/cutbr/docs/web-hq-pec56211.pdf>>. Acessado em 14/10/2020.
- CHINEN, Nobuyoshi (2013). *O papel do negro e o negro no papel – representação e representatividade dos afrodescendentes nos quadrinhos brasileiros*. Tese (doutorado) em Ciências da Comunicação. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (Eca-USP).
- FANON, Frantz. *Peles negras. Máscaras brancas*. Editora: EDUFBA, Salvador, 2008.
- GOLDSTEIN, Donna. The Aesthetics of Domination: Class, Culture, and the Lives of Domestic Workers. In: *Laughter out of place: Race, Class and Sexuality in a Rio*. Shantytown. Berkeley, University of California Press, 2003. pp. 149-195.
- GONZALES, Lélia. E a trabalhadora negra, cume que fica. *Mulherio*, ano II, nº 5, janeiro/fevereiro de 1982, p. 3.
- GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Ciências Sociais Hoje*, p. 223-244, 1984
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. DP&A Editora, 2005.
- IPEA. *Os desafios do passado no trabalho doméstico do século XXI: reflexões para o caso brasileiro a partir dos dados da PNAD contínua*. In: Texto para discussão / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. - Brasília: Rio de Janeiro: Ipea, 2019.
- MIRANDA, Jorge Hilton de Assis. Branquitude Invisível – Pessoas Brancas e a não percepção dos Privilégios: Verdade Ou Hipocrisia? In: MÜLLER, Tânia Mara Pedroso; CARDOSO, Lourenço. *Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil*. Curitiba: Appris, 2017, pp. 57-70.
- NETO, Marcolino Gomes de Oliveira. *Entre o grotesco e o risível: o lugar da mulher negra na história em quadrinhos no Brasil*. Rev. Bras. Ciênc. Polít., Brasília, n. 16, p. 65-85, abr. 2015. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522015000200065&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 10/11/2020.
- OLIVEIRA, Triscila. (2020). Assis: entrevista [jul. 2020]. Entrevistadora: Samanta Coan. Belo Horizonte, 2020. 1 arquivo .doc. Entrevista não publicada.
- RIBEIRO, Djamilia. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.
- SILVA, Priscila Elisabete. da. O conceito de branquitude: reflexões para um campo de estudo. In: MÜLLER, Tânia Mara Pedroso; CARDOSO, Lourenço. *Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil*. Curitiba: Appris, 2017.

As trabalhadoras domésticas e a exposição das desigualdades sociais no Brasil pelos quadrinhos

VELHO, Gilberto. 1987. Observando o familiar. In: *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, pp. 121-132

Recebido em 15/11/2020.

Aceito em 26/04/2021.